

Quércia se recolhe até 'poeira' da CPI baixar

■ Ex-governador diz que nada tem a declarar sobre denúncias contra seus correligionários, mas se mantém informado de tudo

JOSÉ MARIA MAYRINK

SÃO PAULO — As denúncias de corrupção contra parlamentares do PMDB na Comissão de Orçamento estão respingando no ex-governador Orestes Quércia, o mais cotado presidenciável do partido nas eleições do próximo ano. Amigo de vários correligionários acusados, ele se preocupa especialmente com a situação do deputado Manoel Moreira, seu afilhado político na região de Campinas, cujo depoimento na CPI aguarda com apreensão.

"Está tudo bem", tem repetido Quércia a seus interlocutores, cada vez que ouve um relato das últimas revelações levadas ao Congresso. Foi assim na tarde de quinta-feira, quando ele telefonou para Brasília e recebeu de um assessor um resumo de dois minutos das declarações de Marinalva Soares da Silva, que ligou ao "esquema quercista" algumas das falcatruas por ela atribuídas a Moreira, seu ex-marido. "Tudo bem", repetiu Quércia, sem mais comentários, embora as novas acusações atingissem diretamente sua irmã Maria Alice e dois colaboradores de seu governo, os ex-secretários Wagner Rossi e Frederico Mazzucchelli.

Quércia telefona para se informar, mas não aparece em público. Na muda desde

que renunciou à presidência do PMDB em abril, ele evita compromissos antes irrecusáveis. Convidado para a posse de Roberto Marinho na Academia Brasileira de Letras, no último dia 19, resolveu não comparecer e mandou um telegrama. De casa, viu pela televisão, sem o menor arrependimento por não ter viajado ao Rio, o entusiasmo com que o governador Luiz Antônio Fleury e o prefeito Paulo Maluf desfrutavam da festa.

Estragos — Neste fim de semana, Quércia recusou também o convite para participar de um encontro regional de seu partido na cidade de Avaré, no interior paulista. "Liguei para ele em nome dos companheiros da região, mas não aceitou", informou o deputado estadual João Leiva, presidente em exercício do PMDB em São Paulo. Coordenador da campanha eleitoral de Quércia em 1986 e seu secretário de Obras no governo, Leiva tem trânsito livre na Alameda Gabriel Monteiro da Silva, endereço do semi-desativado escritório de seu líder. Os dois se telefonam com freqüência para avaliar os estragos que o tiroteio da CPI está causando no partido.

Quando Orestes Quércia diz "está tudo bem", é só para encerrar a conversa. "Seria uma hipocrisia falar que as denúncias de corrupção não atingem o PMDB e ele



Quércia: explicações sem data marcada

Jamil Bittar — 30/4/92

sabe disso", admite Leiva. Exatamente por isso, o ex-governador de São Paulo toma o cuidado de não se expor. Se Quércia já vinha agindo com recato desde a renúncia à presidência nacional do partido, tornou-se ainda mais discreto a partir de 18 de outubro, quando estouraram no Congresso as denúncias do ex-assessor do Senado José Carlos Alves dos Santos.

Sem data — Por coincidência, foi nessa mesma data que Quércia distribuiu uma nota respondendo ao apelo do senador Pedro Simon (PMDB-RS) para que esclarecesse, de uma vez por todas, as suspeitas de enriquecimento ilícito levantadas contra ele. Quércia prometeu dar em breve à Executiva Nacional de seu partido "uma cabal demonstração da total correção" de sua vida pessoal e empresarial. Não marcou data para as explicações, mas não deverá voltar ao assunto, segundo seus amigos mais próximos, enquanto as cinzas não se assentarem em Brasília.

"Quércia é um político imune a tudo isso, pois já vasculharam toda a vida dele e não comprovaram nada", observa o deputado Wagner Rossi, atualmente secretário estadual de Transportes. Essa é também a opinião do deputado estadual Tonico Ramos, que foi presidente da Assembléia Le-

gislativa no governo Quércia e até hoje lhe presta cega obediência em matéria de política. Apesar disso, os dois concordam que as acusações a parlamentares do PMDB, especialmente Manoel Moreira e Genebaldo Correia, provocam rombos no partido e ameaçam o prestígio de seus candidatos.

Dos sete *anões* da Comissão do Orçamento, Moreira e Genebaldo são os dois mais ligados a Quércia. "Manoel Moreira nem nome tem mais, pois só aparece na imprensa como *deputado quercista*", lamenta um dos interlocutores do ex-governador de São Paulo, preocupado com a referência que se faz a Quércia na citação de seu afilhado político. A ligação é, na verdade, muito mais profunda do que uma simples aliança partidária. Padrinho do segundo casamento de Manoel Moreira, Quércia não renega essa amizade.

Firme, porém, em sua decisão de dar tempo ao tempo para voltar à cena, Quércia manda dizer que, por enquanto, nada tem a declarar. Na semana passada, ele não quis comentar nem as declarações de Marinalva que envolviam sua irmã Maria Alice em irregularidades na Companhia de Força e Luz de São Paulo (CPFL), uma suposta herança de seu governo.